



IGREJA DA BOA NOVA.

A VILLA DE TERENA.

NA provincia do Alemtejo e districto administrativo d'Evora, sete leguas a leste d'esta cidade, e duas a oeste da villa de Redondo, está situada, em logar elevado, a moderna villa de Terena, cujo termo, que comprehende seis leguas correndo de norte a sul, e duas contadas do nascente ao poente, abunda em pão, gado e caça, e acaba por um dos lados no ponto em que a ribeira de Lucefece mistura as suas aguas com as do Guadiana. Quando o padre Carvalho escreveu a sua *Corographia* era terra de 350 vizinhos, e em 1839 contava 700 habitantes.

Existiu em tempos remotos no seu termo um templo consagrado, dizem que pelos carthaginezes, a Endovelico, divindade a que os celtiberos rendiam culto, e que parece ser o Cupido dos gregos e romanos. Muitas inscripções copiadas pelo chronista Fr. Antonio da Purificação de lapidas que D. Theodosio, quinto duque de Bragança, fizera trasladar para Villa-Viçosa, attestam que não só Endovelico, mas tambem Proserpina e Marte, alli recebiam offerendas em paga dos milagres que a cega gentildade lhes attribuia, sem que seja hoje possivel saber se no mesmo templo, se em templos distinctos porém proximos, em quanto o sacerdote da deusa do inferno lhe sacrificava a bezerra esteril, ou o do deus do amor, vestido de alvas roupas talares, que lhe deixavam comtudo descobertas a espadua e o braço esquerdo, abria o cordeiro com o direito, e com aquelle lhe arrancava o coração e o lançava no fogo. o do cruen-

VOL. I. — FEVEREIRO 13, 1847.

to deus da guerra se aprestava talvez para derramar ante as aras d'um nume detestavel o sangue de guerreiros vencidos.

Terena antiga, povoada por D. Gil Martins, que lhe deu foral em 1262, jazia n'uma baixa, entre o ribeiro do Alcaide e a ribeira de Lucefece. Por morte do conde D. Martim Gil, filho do fundador, vagou para a corôa, e elrei D. Manuel lhe deu outro foral em 10 de outubro de 1514. Do seu castello eram alcaides môres os condes da Ponte. Os máus ares que se respiravam no primitivo chão d'esta villa a foram despovoando, e obrigaram os habitantes a mudarem-n'a para o sitio onde ora se acha.

Mas na igreja da primeira freguezia da invocação de Nossa Senhora da Boa Nova, situada n'uma descida, ainda se conserva a pia do baptismo, em reverencia á sua grande antiguidade. Este templo, como mostra o desenho d'elle, assemelha-se a um castello: todo elle é guarnecido de ameias e feito de cantaria. Os proprios telhados estão divididos em pequenas porções por uns carris, que serviriam provavelmente de facilitar aos defensores, no caso de ataque, acudirerem aos sitios mais ameaçados e arrojarem do alto sobre o inimigo pedras, traves, materias inflammandas, e os outros instrumentos usados na guerra antes da invenção da polvora: a figura da igreja, cuja planta é uma cruz perfeita, ao mesmo tempo que devia incitar os christãos a sacrificar as vidas em honra do symbolo da redempção do genero humano, contribuia para ainda mais fortalecer este propugnaculo.

Como quer que seja, o citado auctor da *Corogra-*

phia dá por fundador d'este celebre monumento a rainha D. Maria, mulher de D. Affonso II de Castella e filha do nosso rei D. Affonso IV, princeza de que o inimitavel Luiz de Camões immortalisou a formosura e descrição no precioso quadro em que a representou, banhada em lagrimas, implorando o auxilio paterno em prol do esposo prestes a perder a corôa, se, demorando-se-lhe o soccorro dos intrepidos portuguezes, não se pozesse cõbro á insolência dos mouros, que vieram a ser desbaratados na famosa jornada do Salado em 1340.

Sem pretendermos invalidar o testemunho do padre Carvalho, temos para nós que a fundação do templo de Nossa Senhora da Boa Nova é de origem muito mais remota. Como podia esta igreja, a primeira parochia da villa de Terena, que já vimos ter sido povoada em 1262, ser edificada tanto tempo depois?

Demais, no testamento da rainha D. Maria nenhuma disposição ou legado se encontra a favor d'ella, quando, segundo o costume então geralmente seguido, não é de crer se deslembresse d'este notavel logar sagrado, a ser feitura sua. Não será este templo uma das antiquissimas parochias acastelladas que a necessidade de obstar ás correrias, primeiro dos arabes e depois dos castelhanos, obrigava a construir nas terras da raia? A seu tempo averiguaremos isto.

A igreja da Boa Nova, semelhante ao velho centenario que, durante o largo periodo da sua existencia, viu morrerem em redor de si ou deixarem a terra natal os companheiros da sua mocidade, acha-se hoje n'um quasi ermo, onde o viajante, que se compraz de contemplar as reliquias da piedade das passadas eras, pára a medo, e, saudando-as á pressa, segue logo áiante, para não ser victima das exhalações malignas que tornam o logar assaz perigoso.

TOMADA DE ALCACER.

(Continuado de pag. 170.)

A SITUAÇÃO do campo de batalha, a hora a que ella rompia, a marcha desordenada do exercito sarraceno, a crença dos cavalleiros christãos no auxilio celeste, sentimento assaz energico para lhes mostrar no espaço uma cruz resplandecente; tudo os favorecia. Defronte de Alcacer, transpondo o Sado para o occidente, estende-se uma vasta campina, campina funesta, onde, como em tantos outros logares, os vindouros terão de erguer um altar de expiação ao sangue portuguez ali vertido por mãos portuguezas, quando o silencio da morte tiver pousado sobre nós, e Deus e a historia houverem pezado e condemnado os nossos deploraveis odios civis (1). Foi n'essas planicies, segundo todas as probabilidades, que sarracenos e christãos se encoztraram. Os cruzados do norte tinham ficado impedindo alguma sortida dos sitiados (2), e a multidão dos infieis havia só a oppôr os freires militares, os cavalleiros leonezes que vieram associar-se á gloria ou aos desastres d'aquella jornada, e os homens d'armas e peões de Portugal. Mas uma imprevista circumstancia favoreceu estes: o sol nascia, e os christãos occupavam o lado septentrional

da campina e os montes que, a bem curta distancia da margem esquerda do rio, se prolongam ao noroeste. O reflexo metalico das armas e armaduras ia bater nos olhos dos infieis, e dava ao pequeno exercito portuguez uma apparencia que lhe accrescentava as dimensões. Ou fosse effeito do mesmo reflexo dos ferros polidos e dos dourados escudos, que multiplicavam a torrente da luz oriental, ou fosse o excitamento religioso, capaz de allucinar ainda outra vez os espiritos, os combatentes, ao travarem-se com os musulmanos, creram vêr no ar um tropel de cavalleiros vestidos como os templarios, que tambem feriam nos inimigos. Foi terrivel o embate. O commendador de Palmella, Martinho, homem pequeno de corpo, mas animoso como um leão (1), abaixando a cabeça, com o escudo abraçado na esquerda e na direita o estandarte da ordem, arroja-se ao meio dos esquadrões sarracenos: Pedro Alvitiz, o mestre do templo, leva a mesma dianteira; e os respectivos freires seguem o exemplo de seus chefes. Os cavallos batem de peitos uns nos outros, as espadas faiscam nas espadas, os escudos retinem contra os escudos, e os elmos e cervilheiras rolam pelo chão rotos e abollados (2). Os musulmanos titubeam: por entre as nuvens de pó confundem-se amigos e inimigos, e uma completa anarchia se derrama pelas fileiras sarracenas, já forçosamente desordenadas pela rapida e dilatada marcha que tinham trazido perseguindo os exploradores. No meio da confusão aquella numerosa cavallaria chegou a combater uma contra a outra, em quanto os cavalleiros chistãos, por isso mesmo que eram poucos, estavam livres de cair em igual erro. Em breve o desbarato das tropas andaluzes se tornou inevitavel: possuidos de terror começaram a fugir, e parte dos fugitivos foram precipitar-se no Sado. Abafados debaixo dos pés dos ginetes e até dos troços d'infanteria, muitos expiraram sem haver combatido (3). Perseguidos por espaço de dez milhas pelos christãos, tres dias durou a carnificina, e dois walis, o de Cordova e o de Jaen, ficaram entre os mortos. O calculo que d'estes se fez, montava de quatorze a quinze mil, afora um sem numero de prisioneiros, os quaes, ou para lisongear seus senhores, ou para se desculparem perante a propria consciencia de tão vergonhosa rota, ouvindo fallar do auxilio dado aos christãos pelos cavalleiros arios, asseveraram te-los igualmente visto, e experimentado a sua furia, o que não podia deixar de fortalecer a fé viva da soldadesca na decisiva protecção divina. Entre tanto uma armada de trinta galés, que os sarracenos tinham mandado para a foz do Sado, accommettida por horrorosa borrasca, luctava em balde com os elementos, e era destruida sem combate. Saíndo ao encontro d'ella, a frota christã só achou ante si as solidões do oceano: as galés inimigas tinham ido a pique, ou dado á costa. Ainda em tempos de mais luz tanta fortuna legitimaria a crença no favor celeste, quanto mais n'uma epocha em que a credulidade fazia sempre intervir o Omnipotente n'estes crueis dramas de matança e de estragos (4).

O exercito victorioso voltou aos arraiaes, onde o

(1) commendator Palmele, parvus corpore, corde leo: Godofr. Mon. I. cit.

(2) Hic equus oppouitur equis, hic ensibus ensis, hic clypeus clypeis, hic obruta casside cassis: Id. ibid.

(3) Sternitur hic; ille pedibus calcatur equorum; Hic hominum; quidem praecipitantur aquis: Gosiuni Carmen v. 157 — 158.

(4) AA. cit.: In eo praelio multa mahometanorum milia cecidere; complures etiam capti, alii admodum pauci turpiter fugati: Abu-Bekr, Vestis serica, apud Casiri. Bibl. T. 2.º pag. 59.

(1) Combate civil de Alcacer em 1333.

(2) sarracenuum maxima multitudine contra quam pugnauerunt templarii et spatharii cum militia reginae portugalensis: Oliver. Hist. Damiat. I. cit. A ausencia dos cruzados do norte na batalha, que d'esta passagem se deduz, é confirmada pelo silencio do monge Godofredo, e pelo do proprio conde de Hollanda, que narrando os successos da sua armada só menciona o cerco e tomada de Alcacer: Rayn. ad ana. §. 35 et 36.

esperavam os cruzados. Aquella sanguinolenta batalha, que produziu entre os habitantes do Andaluz uma impressão quasi igual á da grande rota das Navas de Tolosa (1), não pôde abalar a constancia de Abu-Abdallah. Perdidas todas as esperanças de socorro, o valente sarraceno preparou-se para continuar na energica resistencia, que durante mez e meio oppozera aos sitiadores. Inflammados ainda com a ebriedade do triumpho, estes avançaram ao assalto; mas acharam na guarnição todo o esforço que faltára ás tropas dos walis reunidos. Os que avançavam aos muros baqueavam esmagados pelas traves e pedras arrojadas dos adarves, ou retiravam-se queimados pelas invenções do fogo, e uma nuvem de frechas e virotes obscurecia os ares. O sangue correu largamente; mas o combate cessou pela retirada dos christãos. Vendo a inutilidade das suas diligencias para levarem a praça á escala, estes voltaram ao anterior systema das minas. Fôra ocioso descrever miudamente os vagarosos expedientes a que então se recorria para reduzir qualquer fortaleza na falta de artilheria, ainda desconhecida, posto que já existisse uma especie de polvora usada na guerra para varios artificios de fogo, e até para impellir projectis. O que n'este logar poderíamos fazer seria repetir a descripção da tomada de Silves. Houve combates entre os gastadores, ao toparem umas nas outras as minas e contraminas; houve baluartes e quadrellas arruinadas; construíram-se torres de madeira, d'onde a morte descia inesperadamente sobre os cercados, e machinas de bater, que alluam os muros: empregaram-se, enfim, todos os recursos do commettimento e da defeza, até que, desenganado de poder sustentar aquelle montão de ruínas, Abu-Abdallah foi obrigado a render-se. Mas aqui a discordia não se espalhará entre os sitiadores, como succedêra em Silves; não lhes faltavam virtualhas, e o desbarato completo dos walis andaluzes tirava-lhes todos os receios de prolongarem o assedio prolongando-se a resistencia. A guarnição de Alcacer ficou, por tanto, prisioneira com o seu chefe, e os habitantes caíram nos ferros da escravidão. Dois mil captivos, os ricos despojos do sacco, e a posse d'aquella chave do Al-Gharb foram para Portugal os fructos de tão gloriosa empreza (2).

Os varios successos d'esta campanha, desde a entrada dos cruzados na foz do Sado até á tomada de Alcacer, havia consumido o espaço de dois mezes e meio (30 de julho a 18 de outubro). Os prelados de Lisboa e de Évora, o mestre do Templo, o prior do Hospital, e o commendador de Palmella escreveram logo ao pontifice relatando as causas que tinham movido os cruzados a demorar-se em Portugal, e quaes tinham sido as felizes consequencias d'essa demora. Concluíam pedindo que lhes fosse permittido conservar a armada em Lisboa por mais um anno, com o que esperavam poder destruir inteiramente os sarracenos da Peninsula; que tanto aos cruzados como ás tropas portuguezas, que entrassem no seu empenho, se concedessem as mesmas indulgencias, que obteriam se pessoalmente fossem á Terra Sancta; que o vigesimo dos rendimentos do clero em toda a Hespanha se applicasse para a continuação da guerra, na fórma do que se achava estabelecido a semelhante respeito; que, finalmente, aquelles individuos da armada, que, ou pela excessiva demora, ou por pobreza ou enfermidade, estivessem inhabilitados para proseguir a empreza, fossem mandados voltar á patria com plena remissão de seus peccados. Acompanhava

esta carta outra do conde de Hollanda, em que igualmente se expunham as vantagens obtidas e as que resultariam da prosecução da guerra. Pedia elle instrucções ao papa sobre se devia acceder aos desejos dos prelados portuguezes, se continuar viagem. A sua opinião era que, na primeira hypothese, as esperanças concebidas sobre o desfecho decisivo da guerra se realisariam. Punha o conde á sua confiança em Abu-Abdallah, homem, dizia elle, illustre tanto entre sarracenos como entre os christãos, e de cuja influencia esperava tirar immensa vantagem. O motivo por que o general dos cruzados se fiava tanto em Abu-Abdallah, era o ter este, depois de prisioneiro, perdido e accitado o baptismo. Enganava-se, porém, n'aquelles calculos. As maravilhosas apparições, que deram a victoria dos christãos, fraco effeito haviam produzido no coração obdurado do sarraceno, ou os seus olhos profanos não tinham podido descortinar das altas torres de Alcacer as legiões dos cavalleiros arios e a cruz brilhante estampada no fundo escuro dos céus. A conversão do guerreiro wali não passara de uma sacrilega astucia para obter os meios da fuga, e com a fuga a liberdade, designio que logo realisou, vindo a acabar, annos depois, de morte menos gloriosa no meio das guerras civis (1).

No principio de novembro (2) a armada rhenana voltou a Lisboa a esperar a resolução de Honório III, que recusou acceder aos desejos dos prelados, dos chefes das ordens militares, e do proprio conde de Hollanda, a quem o insolente gracejo de Abu-Abdallah devia ter curado da sua demasiada boa-fé nas conversões repentinas. Segundo o costume, estrangeiros e portuguezes disputaram acerca da divisão dos despojos, e o bispo de Lisboa era o que mais se queixava de ter sido gravemente prejudicado. A discordia, porém, não chegou a rompimento, e o castello vasio e quasi em ruínas foi entregue aos seus antigos senhores, os spatharios, que outr'ora o tinham perdido depois de conquistado por Afonso I. Foi, talvez, n'esta conjunctura que o dominio christão se estendeu a algumas outras obscuras povoações do Alemtejo, ao que provavelmente allude um escriptor coevo (3). Entrados no rigor do inverno, os guerreiros do norte, inibidos de proseguir immediatamente a sua viagem, ficaram em Lisboa repouso das passadas fadigas até a volta da primavera, em que abandonaram as praias hospitaleiras de Portugal (31 de março de 1218) (4).

PYROXYLINA, POLVORA AZOTICA, OU ALGODÃO-POLVORA.

ERAM passados muitos seculos depois da descoberta da polvora, sem que este composto, digno dos tempos barbaros, fosse substituído. A chimica, que em tão pouco tempo tem feito progressos inesperados, que, pôde-se dizer sem emphasis, ha dado passos de gigante, que resolveu a maior parte dos methodos da industria, nada achára até agora que fizesse as vezes d'este mixto imperfeito para que devêra olhar com desprezo.

Algumas pesquisas feitas por Mr. Pelouze, um dos mais sabios chimicos francezes, vieram pôr termo a

(1) Assaleh pag. 267.

(2) AA. cit.

(1) Litt. Praelator. et Comit. Holland., apud Raynald. ad ann. §. 32, 36 — Abdallah. arte et fuga libertati consulens, ad suos rediit: Abu-Bekr I. cit. — El-Makkari, Vol. 2 p. 320, 327.

(2) Post festum omnium sanctorum: Godef. Men. p. 386

(3) Roder. Tolet. L. 7 c. 6.

(4) Littera Honorii III Praelat., Rayn. ad ann. §. 38. — Gosuini Carm. v. 202, 220. — Godefr. Mon. p. 386, 386.

este estado de cousas. Annuncia-se n'este momento uma revolução completa nos meios d'acção que possui a arte militar, e um novo composto, que harmonisa mais com o estado dos nossos conhecimentos, acaba de desenthronisar a velha invenção d'esse frade, especie de mytho obscuro que o admiravel siso do povo baptisára com o nome de *Schwartz*, o Negro (1), como para dizer que só a uma potencia infernal podia dever a origem.

A este composto se deu o nome de *algodão-polvora*, porque na sua primitiva foi feito de algodão; mas depois o fizeram de muitos outros corpos mui diferentes, e de muitos mais poderá fazer-se. Chamou Mr. Pelouze *pyroxylina* ao principio que parece servir-lhe de base, do grego *pyros*, fogo, por causa da sua facil inflammção; porém como, por outro lado, o azote se mostra aqui o que é em todos os fulminantes, um elemento indispensavel de formação, poder-se-hia; no caso de ser algum tanto difficil de decorar tal nome, chamar á nova polvora, *polvora azolica*.

A *pyroxylina* é mais um composto de azote, mas d'um genero inteiramente distincto do chlorato de potassa e do fulminato de mercurio: obtem-se de materias organicas, de materias vegetaes.

A preparação da *pyroxylina* é simplicissima: toma-se algodão cardado, mergulha-se n'um liquido formado de porções iguaes de acido nitrico de 1,5, e de acido sulphurico; lava-se em agua pura, e secca-se a um calor brando. Em o algodão estando bem secco, está prompto para ser empregado. Póde-se, se acaso se desejar dar-lhe um grau de força superior ao que então tem, repetir a immersão e a lavagem duas ou tres vezes.

O algodão-polvora, depois de secco, tem todas as propriedades dos fulminantes; detona pelo calor, pela percussão, e pelo choque; n'uma palavra, substitue perfeitamente a polvora fulminante ordinaria. Mr. Pelouze, tendo introduzido uma quantidade sufficiente d'esta nova polvora n'uma pistola de alibeira, de rosca, poz-se a trezentos passos d'uma parede, e a balla ficou inteiramente amassada.

Na sessão da Academia das Sciencias, de 16 de novembro, leu Mr. Piobert uma nota contendo algumas advertencias para o fabrico da polvora-algodão; resulta d'esta communicação, que se deve seccar o algodão a uma temperatura assaz baixa para evitar desastres, isto é, nunca exceder 80°.

Outro relatorio lido na mesma sessão mostra que veio a tempo o de Mr. Piobert. Mr. Lépinc e dois dos seus amigos, MMr. Combes e Flandrin, prepararam n'aquella semana certa quantidade de algodão-polvora, para a experimentarem como polvora de mina n'uma pedreira de Ivry. Impregnado e lavado o algodão, faltava secca-lo; accenderam lume n'um fogão, estenderam o algodão ao pé d'elle, e retiraram-se fechando a porta. Quando vieram de noite vér se o algodão estava secco, entraram os tres amigos junctos no quarto, trazendo um d'elles uma luz na mão. Apenas entraram houve uma forte detonação; duas pessoas foram lançadas por terra e queimadas, a terceira soffreu só uma forte commoção. O algodão-polvora acabava de inflammarse, e, além dos damnos mencionados, abalou fortemente a casa e rachou-lhe as paredes. *Uma libra* de algodão-

polvora tinha produzido todos estes effeitos. Os prejuizos que soffreram os amigos de Mr. Lépinc não tiveram, felizmente, consequencias graves.

Vamos deixar agora fallar o proprio inventor (diz Mr. O. Mac Carthy, auctor d'este artigo, que resumiremos, dando a equivalencia dos pesos e moedas de França aos de Portugal) vamos deixar fallar o proprio inventor ácerca do preço por que sae o algodão-polvora, admittido que sempre se faça de algodão, e notar as vantagens que leva á polvora antiga.

«Sirvo-me das contas que me ministraram, diz elle, fabricantes, que, se fosse preciso, forneceriam ao mercado ou ao governo os seus productos pelo mesmo preço que eu indico, segundo o que elles me disseram.

«O acido sulphurico que Mr. Knopps fez entrar, com muita razão, na preparação da polvora-algodão, é util por duas maneiras, e convém emprega-lo sempre. Concentra o acido nitrico obrando sobre a sua agua de que se apodera; de tal sorte que o acido nitrico que não fosse bastante concentrado para se unir ao algodão, se combinaria com elle debaixo da influencia do sulphurico. Comtudo, por grande que seja a porção d'acido sulphurico, abaixo d'um certo grau areometrico, e com um acido nitrico fraco, não se póde mais obter boa polvora.

«Mais outra circumstancia pela qual se recomenda o emprego do acido sulphurico, é que, em relação ao acido nitrico, é mui pequeno o valor por que se vende, e permite diminuir muito a perda do ultimo.

«Com effeito, n'estas sortes de impregnações uma parte consideravel do acido adhire á materia ou vai-se nas aguas da lavagem. Supponha-se uma mixtura de volumes iguaes de cada um d'estes dois acidos, e depois de ensopado o algodão, uma perda de 1 litro (2 $\frac{1}{11}$ quartilhos) de mixtura, não se terá perdido na realidade mais de meio litro de acido azotico. Finalmente o acido sulphurico dá outra vantagem, a qual consiste em reter as materias nitrosas que encerra de ordinario o acido nitrico concentrado, e tornar a operação menos desagradavel.

«O acido nitrico de 1,5 de densidade, mixturado com igual volume de acido sulphurico, constitue uma mixtura propria para o fabrico da polvora-algodão. Estas proporções correspondem a perto de 100 kilogrammas (6 arrob. 25 ar., &c.) do primeiro acido para 125 do segundo.»

O auctor, appresentando os preços por que se vendem na França os dois acidos supramencionados e o algodão cardado, e lembrando que 100 partes d'este absorvem 70 partes de acido nitrico, faz ver que, mesmo dando-se a condição mais desfavoravel, qual é a de se perder no fabrico 30 por cento d'este acido e a totalidade do acido sulphurico, saíriam as 170 kilogrammas (10 arrob. 9 arr. &c.) por 50\$720 réis, não fallando na mão d'obra, e que sendo a polvora fabricada com papel e principalmente com a pasta de papel, que é mais barata, saíriam por 13\$520 réis cada 100 kilogrammas, posta de parte a mão d'obra.

«Esta mão d'obra, continúa o inventor, a muito pouco montaria, pois que os preços acima indicados suppoem todas as materias compradas no mercado, e que em definitivo o fabrico consiste n'uma simples immersão, n'uma lavagem facil e n'uma dessecação, operações cuja maior parte póde ser feita pelas machinas de cardar o algodão e fazer o papel.

«Sem pretender fixar preço, póde-se dizer que esta nova polvora, completamente fabricada, não custaria mais de 24\$000 réis cada 100 kilogrammas. Concordemente a consideram todos tres vezes mais forte que a polvora bombardeira; a de igual força

(1) Attribue-se a invenção da polvora na Europa ao frade franciscano Bertholdo Schwartz, chamado tambem Constantino Angleksen, natural de Fribourg na Alemanha, e que nasceu no XIII seculo. Querem que esta descoberta, devida ao acaso, fosse feita em 1320, e a polvora applicada para destruir muralhas em 1338.

não custaria pois mais de 8,8000 réis cada 100 kilogrammas.

« Isto não passa d'um calculo approximado; mas é quanto basta para mostrar o que se póde esperar da nova polvora.

« Não sei se appresenta na practica inconvenientes graves, como algumas pessoas parecem receiar; mas quantas vantagens já reconhecidas não leva ella á polvora ordinaria!

« Uma polvora branca, insolúvel e inalteravel n'agua, com propriedades e composição constantes, que não suja as mãos nem o fato, nem as armas, tres vezes mais leve para se transportar que a antiga, porque é tres vezes mais forte do que ella; que é susceptivel de soffrer sem a menor alteração as viagens do mar; uma polvora que se póde inundar n'um paiol, no porão d'um navio, que se transporta por agua em bom estado; reúne muitas qualidades boas que lhe dão a primazia sobre a polvora negra, a qual sempre suja, e se deve livrar do ar que a altera e da agua que a destroe.

« Mas independentemente d'estas considerações, todas em vantagem da nova polvora, ha outra que eu tenho a peito appresentar aqui.

« A polvora de guerra é formada de 75 partes de salitre e 25 partes de enxofre e carvão. Quando arde deixa um residuo fixo, ou em outros termos, inutil ao effeito dynamico, e cujo pezo sobe a mais das tres quartas partes do seu. Os gases que entram em reacção não constituem por tanto senão apenas um quarto do pezo da polvora.

« Na polvora nova, pelo contrario, tudo é elastico, tudo ou quasi tudo se reduz a fluidos elasticos, e já por isto se explica a sua superioridade, em pezo igual, á polvora que deixa, quando arde, uma porção enorme de materia inerte.»



O ANÃO E O BOBO.

Foi antigo costume em paços de senhores feudaes, e tambem nos de principes, que os supplantaram, acoutarem bobos e truães que os divertissem nas horas de enfadamento; mas supponmos que não era uma dis-

tração sobejamente tóla o que deu azo a esta protecção e acolheita de individuos unicamente privilegiados pela liberdade de fazerem momos, visagens e arremedos, e de insultarem com dieterios mais os menos agudos as pessoas que concorriam na cõrte de seus amos. Cremos que era um luxo da epocha sustentar estes parasitas, que não poucas vezes prestaram para secretas malfetorias. — Ha luxo em principes de engaiolarem animaes ferozes: que lh'o agradeçam os naturalistas, mas os naturalistas que espreitam os habitos contrafeitos do animal captivo. — Houve principes que, escolhendo entre as denegações moraes da especie humana, tiveram a soldo, por alimento ou paga, miseraveis tão despresiveis que se constituiram alvo constante das suas zombarias, e instrumento indirecto para escarneo de outros.

Ao bobo andava appenso o anão; eram dois appendiculos indispensaveis do senhorio feudal, que folgava com isso; um representava o abandono das faculdades intellectuaes, outro a debilidade das forças phisicas; e com dois individuos degenerados o feudalismo symbolisava o poder — e de certo, porque nem era a compaixão que prestava nutrição a uns, nem a pura generosidade que sustentava outros. Tudo era fatuidade de poderosos. — Mas os parasitas transformaram-se; voltaram ao systema dos tempos corrompidos do imperio romano; e avultam por esse mundo.

Quem lêr o romance de W. Scott, intitulado *Peveril do Pic* verá um typo dos anões, deixem-nos dizer, *heroicos*; quem lêr o romance do Sr. Herculano no volume de 1843 do Panorama achará uma fiel pintura de costumes da epocha da acção, realçada pela verdade e inimitavel colorido do estylo.

O VESUVIO.

(Continuado de pag. 174.)

As ERUPÇÕES do Vesuvio tem sido amiudadas, posto que nem todas fossem espantosas por assolações e estragos: no seculo passado contaram-se vinte e tres incluindo a do fatal terremoto de 1755. — Foi temerosa a de 1767; o cavalheiro Hamilton a descreveu largamente; e para que se possa formar idéa, pelos estragos de umas, dos causados por outras igualmente devastadoras, compendiaremos em poucas palavras a sua relação.

Em 1767 havia sobre a montanha um acervo de 185 pés de alto, que servia de principal respiradouro ao volcão, d'onde jorrava o fumo tão negro e tão denso que parecia sair a custo. A todo o momento eram arremegadas pedras enormes a consideravel altura. Já tinha a lava chegado ao valle, quando a noite com a escuridade veio augmentar esta scena horrorosa. Ouviu-se violenta detonação, e ao romper o dia descobriu-se que a montanha se abrira desde o cume até o meio, e que d'essa nova brecha saía uma torrente de lava incendiada. Tremia a terra; caía um chuveiro de pedras pomes. Em menos de duas horas a lava já tinha coberto tres milhas, e comtudo era da largura de quasi uma legua com 70 pés de espessura. — Não póde descrever-se a confusão d'essa noite em Napoles: a fuga precipitada do rei, obrigado a largar Portici, contribuiu para augmentar o terror: as igrejas estavam entulhadas de gente; pelas ruas não se encontravam senão procissões. Passaram-se os dias de 20 a 23 em alternativas de socego e de susto. Choveram cinzas em Napoles com tanta abundancia que era preciso trazer chapéus de sol. A 24 terminou felizmente a erupção que foi das mais violentas. —

A catastrophe de 1794 foi horrivel. A 12 de junho sentiu-se em Torre del Greco um tremor de terra intenso: passou-se a noite em continuos rebates, e assim os dois dias seguintes: no domingo ouviu-se um estrondo que parecia descarga de artilheria: o ruido veio não do alto mas do bojo da montanha, que rebentou do lado do poente; fluxos de lava inflammada rodaram em duas direcções; um com a largura de quasi milha, correndo sobre Résina, incendiou o palacio Brancaccio, a igreja dos mareantes e o convento franciscano; o outro braço tomou para Torre del Greco, povoação de quasi 1,800 almas, que foi preza da lava, sendo obrigados os habitantes a refugiarem-se em Napoles. A 8 de julho estava tudo acabado.

As erupções são precedidas de certos annuncios, como abalos subterraneos, rolos de fumo muito negro e denso que saem da cratera e tomam a fórma de um pinheiro: além d'isso, os poços circumvisinhos seccam-se, o mar retrah-se das praias. — As materias principaes que o Vesuvio vomita resumem-se na seguinte lista: — 1.º fumo; 2.º cinzas, areola negra e fina; 3.º pedrisco, areia mais grossa; 4.º pedras pomes, que são mais escuras e pezadas do que as pedras pomes ordinarias; 5.º pedras naturaes, que saem um tanto calcinadas no exterior; 6.º escórias: ha-as tão leves que parecem espuma do assucar; a grossa parece escumilha de ferro; 7.º as pyrites octaedras, de duas linhas de comprido com oito faces lisas e pretas; acham-se algumas apegadas; 8.º o enxofre esteril: acha-se na pedra pomes e outras no plano interior, é amarello e tem pouco cheiro; o plano exterior ou é amarello por esta causa, ou branco por via da alumina, ou verde pelo cobre e vitriolo, ou pardo pelo ferro; 9.º o enxofre puro nativo; 10.º o talcó, que se acha pegado ás pedras que lança o Vesuvio; é transparente como o vidro e tira-se em laminas; 11.º as marcassitas; n'ellas se distinguem todas as castas de metaes; o seu pezo é desproporcionado ao volume; 12.º as cristalisações que representam pedras preciosas de todas os especies; 13.º as stalagmites nas grutas e produzidas pelas infiltrações das chuvas; 14.º agua do mar misturada com conchas; 15.º mineraes de toda a casta, misturados, confundidos n'aquelle laboratorio infernal; 16.º seixos volcanicos, de diversas côres e natureza; 17.º, finalmente, as lavas. — A lava é certa materia abrazada e liquida, da consistencia do vidro derretido; sae de ordinario dos lados da montanha nas erupções, e espalha-se como uma inundação pelos campos: variam as suas côres até o infinito, conforme a materia de que se compoem, porque todos os mineraes entram na sua formação.

A erupção de agosto de 1834 pertence ao catalogo das funestas. No dia 22 pelas dez horas da tarde começaram as ejecções de pedras, escórias, e outros materiaes inflammados, e assim continuaram toda a noite, sendo ainda visiveis nas primeiras horas do dia, nas quaes principiaram a formar uma pequena lava; depois do que saiu da falda do morro conico uma grande torrente d'ella que se encaminhou para a ponta chamada *delle crocche*, a oeste; seguiu bordando as alturas de Cantaroni, desceu rapidamente sobre as terras adjacentes á dicta ponta, e incendiou uma pequenina matta de carvalhos do eremiterio. As quatro da tarde, a lava um tanto se virou para Fosso-Grande, accommetteu os terrenos mais baixos que a matta, cobrindo-os em larga extensão. — Esta lava, e outra alluvião que costeava a ponta del Palo, tendo saído por uma bocca recém-aberta na montanha, cortaram, ajunctando-se, o caminho que se tomava para subir ao morro, onde já se não po-

dia então chegar a não ser voltando para a garganta dicta d'Avena. — A lava d'esta feita corria vagarosa; dir-se-hia querer saborear o barbaro prazer de destruir, passeava a passo e passo pelos seus estragos, e não adiantava mais de seis a sete pés por minuto: não cessou de correr durante o dia. Perto das oito e meia, depois de mui fortes detonações, abriu-se nova bocca a leste, na direcção de Mauro e mesmo sitio d'onde rebentou a lava de 1817; e chegou ao pé da casa de campo do principe de Ottaiano: então ao impulso de multiplicados abalos viu-se abater-se e desaparecer de todo o novo monticulo conico, que era de recente formação no alto do monte, companheiro de outros que successivamente ahi se tinham formado, e ou existiam ou já estavam subvertidos. Ao desabar d'aquelle fraquejaram as correntes da parte do oeste. — No dia 25 de agosto, ás seis horas, sob a influencia de uma terrivel detonação, rasgou-se outra abertura na raiz do morro maior, partindo d'ahi uma alagação de lava que cobriu a precedente.

No dia 26 uma columna immensa de fumo caliginoso precedeu a erupção de outra lava, que se multiplicou por outras muitas aberturas contiguas, e se resolveu n'uma espantosa corrente que, precipitada pelas encostas d'aquelle parte da montanha, chegou promptamente a Mauro e cortou o caminho que de Bosco-tre-case vai a Ottaiano; reforçada pelos boqueirões adjacentes que se abriram em 27, dividiu-se em tres afluentes; o mais forte adiantando-se para Mauro invadiu algumas partes do territorio na direcção de Scafati; outra accommetteu o chão cultivado sobranceiro a Bosco Reale; a terceira entrou por algumas fazendas juncto da igreja *della Nunziata* em Bosco-tre-case. Houve quem observasse n'estas scenas de assolação um phenomeno curioso: isto é, que ás arvores antes de serem salteadas por a lava se arripiam as folhas com um pequeno estalido; e os ramos se ateiam deitando uma chamma esbranquiçada logo que a lava chega ao tronco.

A 30 d'agosto a lava principal continuava a correr, e saía de muitas fendas que se abriram entre o Vesuvio e Ottaiano, atravessou a estrada para o poente, e continuando a adiantar-se destruiu totalmente a aldeia de S. João, bem como a de Caposicco, abaixo de Torzigno ao sul. A largura da lava era de perto de meia legua, a grossura vinte e dois pés, e a extensão do seu curso mais de duas leguas. Os prejuizos que causou foram immensos, destruiu mais de quatrocentas geiras de chão plantado de vinhas e arvores, e sepultou mais de cem moradas de casas nas duas aldeias incendiadas.

Durante esta erupção o mar esteve por um dia inteiro n'uma espantosa agitação na parte que borda Résina e Torre della Annunziata. E todavia não estava perturbada a serenidade da atmosphaera; havia aquelle sol bello e temperatura macia, dote d'este clima; só tumultuavam os dois terriveis elementos, a agua e o fogo, e pareciam rivaes no furor.

A cratera continuou a vomitar cinzeiro, a principio negro e espesso, depois avermelhado, a final alvadio por um dia inteiro, no fim da tarde é que apenas se divisavam algumas fagulhas: o rolo de fogo que se levantava no mais intenso da erupção tinha a fórma de um pinheiro gigante, cujo tronco parecia de bronze e as raizes de coral; a lua, que então se achava exactamente perpendicular, augmentava com a sua claridade o sublime d'esta scena de horror. Este phenomeno, que já se observou nas erupções mais fortes, appresentava uma vista picturesca.

O rei veio pessoalmente a estes logares de afflic-

ção, e não por vã curiosidade, mas pelo desejo de acudir á miséria de muitos infelizes. E com effeito foram salutaes a sua presecução e os soccorros que fez distribuir aos necessitados. Na realidade o dia e noite precedentes foram de grande consternação e horror em Napoles, causando lastima as familias refugiadas, e terror o medonho aspecto do vulcão, que ameaçava ainda maiores estragos: felizmente abrandou a intensidade da sua furia, decaindo gradualmente para o usual adormecimento.

UM CONVITE DE RICHELIEU.

Todos, na fé dos historiadores, vêem, concordes, no cardeal de Richelieu um grande ministro, merecedor d'esta fama por alguns dos seus actos. Prestou na verdade um assignalado serviço á monarchia franceza acabando de decepar as ultimas cabeças da hydra feudal; abriu ás lettras um sanctuario formando a Academia franceza; e se eram pessimos os versos da sua lavra, pagava algumas vezes com generosidade os alheios. Era vingativo, mas nem sempre atirava a cabeças altas; por desfastio divertia-se ás vezes com gente baixa.

Um tendeiro por nome Dumont recebeu certo dia uma carta datada de Ruelle, nos suburbios de París, onde o cardeal tinha uma casa de campo. Convidava-o S. Em.^a para jantar no dia seguinte com elle.

O convidado, não podendo dar credito ao que via, relê duas ou tres vezes a carta, arregala os olhos para o sobrescripto e convence-se de que é para elle. Chama muito alvoraçado a mulher e duas filhas para lhes dar parte de tamanha honra. Façam idéa de qual seria o contentamento e a vaidade d'estas sacerdotisas da tenda. Safam-se muito depressa da mercaria e vão apregoar pelo visinhança a honra insigne que lhes faz o eminentissimo ministro; toda a gente graúda da rua corre a dar-lhes os parabens. O futuro commensal de S. Em.^a, como é bem de crer, mal passou pelo somno essa noite, gastou parte d'ella nos preparativos da jornada, e ás quatro horas da madrugada poz-se a caminho para Ruelle, escarranchado na sua mulinha. Apenas passára as portas amontoam-se grossas nuvens no horisonte, e um trovão annuncia que está a desabar uma carga d'agua. O novo valido de Richelieu, que não levava capote, fez dobrar o passo á cavalgadura; mas a tempestade andava mais ligeira, os relampagos eram uns atraz dos outros, — mettiam medo, — e a agua caía a cantaros. Dumont, pilhado pela tempestade, obrigou a galopar, pela primeira vez, a triste alimaria; porém, não podendo ir para diante, parou á porta da primeira estalagem de Nanterre. Apeou-se, mandou a mula para a estrebaria, e encaixou-se n'uma sala baixa, onde os moços da estalagem fizeram uma fogueira de achas de lenha para enxugar a roupa do encharcado viajante.

Em quanto estava entretido em enxugar-se n'um canto ao pé do lume, outro viajante, tão ensopado como elle, veio tomar quartéis de inverno n'outro canto. Ambos estiveram calados um bom pedaço, até que Dumont exclamou:

— «Que tempo tão desabrido!»

— «Está levado da breca; mas isto é chuva de trovoadas; dura pouco, se não me engano.»

— «Desejo-o com bem ancia, porque tenho que ir a Ruelle para negocio de muita consideração.»

O segundo viajante calou-se.

— «Ora esta! replicou Dumont, a borrasca, em vez de abrandar, cresce; os trovões abalam a casa;

a chuva redobra, e eu que não tenho outro remedio senão pôr-me a caminho.»

— «Para continuar uma jornada por baixo d'agua, disse então o desconhecido, permitta que lhe diga, que é preciso que haja razões bem fortes.»

— «As minhas são de tal lote... E para que hei de eu estar com mysterios: estão á minha espera esta tarde para jantar em casa do cardeal de Richelieu.»

— «Percebo; convites d'estes não são para desprezar; mas ainda tem muito que andar; e como quer appresentar-se em casa de S. Em.^a assim tão enlameado?»

— «Talvez S. Em.^a me fique obrigado pela promptidão.»

— «Se não quizesse passar por intromettido, perguntar-lhe-hia se já tem tido contas com o cardeal.»

— «Nenhuma. Para lhe fallar a verdade, confesso que estava longe de me vir ao pensamento o favor que recebi.»

— «O cardeal é muito cioso da sua auctoridade; não gosta que ninguem se metta com os actos do seu ministerio; basta ás vezes uma só palavra para o ter pela prôa. Ora pense bem; nunca fez cousa que desgostasse o cardeal?»

— «Não me lembra: tracto cá da minha vida, e não me importa com o que por ali chamam politica. Comtudo cuido que, diante só de tres ou quatro pessoas, ralhei da morte do duque de Montmorency. O senhor no meu logar faria o mesmo, porque meu avô foi mordomo n'esta illustre casa.»

— «O senhor tem cara de pessoa capaz, inspire-me interesse; tome o meu conselho, não vá a Ruelle.»

— «Não ir eu a Ruelle! parto já, sem me importar com a chuva.»

— «Mais uma palavra, que o caso é serio. Parece-lhe que o estão esperando em Ruelle para jantar com S. Em.^a? Desengane-se; estão com effeito á sua espera, mas é para o enforcarem!»

— «Ai! Deus meu! que me diz? não pôde ser.»

— «Repito, para o enforcarem.»

Aqui Dumont, tremendo de medo, chegou-se ao desconhecido.

— «Diga, em nome do céu, como sabe isso.»

— «Sei-o com toda a certeza.»

— «Pois que fiz eu para ir á dependura?»

— «É o que lhe acontece, e posso assegurar-lhe, porque sou eu que estou encarregado da execução.»

Dumont perdeu a côr e deu tres passos para traz.

— «E quem é o senhor?»

— «O caírasco de París! S. Em.^a mandou-me chamar para o esganar; apanhou-me a trovoadas no caminho, recolhi-me tambem n'esta estalagem; engracei com a sua cara; o cardeal, lá de quando em quando, mette-me em empresas d'estas com que eu embirro. Bem basta ter de purgar a sociedade dos malfiteiros que a flagellam. Dir-lhe-hei mais, estou com minhas idéas de largar este cargo; mas tome o meu conselho, perca o medo á trovoadas, e volte sem perda de tempo para París. Lembre-se que lhe faço um grande serviço, e que uma palavra que lhe escape pôde perder-me.»

Dumont tornou a montar na mula sem d'esta vez fazer caso da chuva que lhe chegava até os ossos, e entrou em París, mas, em lugar de ir para sua casa, foi pedir asylo a um amigo velho, a quem contou a aventura sem expôr a pessoa que o salvára.

Conseguiram alcançar-lhe por dinheiro um passaporte falso, e bem disfarçado partiu uma noite para Calais, d'onde embarcou para Inglaterra, e lá se conservou até a morte do cardeal, que succedeu dois annos depois.

VIAGEM ÀS MINAS DO PERÚ.

No fim de 1836 fiz segunda excursão pelos arredores da capital do Mexico; sendo minha tenção visitar as pyramides de S. Juan, Regla, e as minas de Real del Monte, tomei o caminho do norte que vai parar á povoação de Guadalupe, onde existe o sanctuario da Virgem milagrosa, padroeira do Mexico. Conta-se que poucos annos depois da tomada da antiga cidade, cabeça d'esta vasta região, um indio, cultivando a terra, achou aquella imagem pintada n'uma tela de fio de maguey; foi esta circumstancia havida como prodigio, e signal da protecção que a Mãe de Christo concedia a estes logares: edificaram, por tanto, á sancta imagem um templo bellissimo, que dotaram largamente, e creou-se uma collegiada para receber as offertas pias que de toda a parte do Mexico se dedicam a Nossa Senhora de Guadalupe. — Para além d'este povo começa o *Salado*, grande planicie arenosa, que se dilata ao longo do lado do Tescuco, e tira seu nome do sal que n'ella depositam as aguas. Ahi, bem como na outra banda de Guadalupe, encontram-se aldeias de indios, que se occupam exclusivamente em apanhar o dicto sal para o venderem nos mercados; nunca vi cousa tão miseravel e hedionda; os pardieiros, mal fabricados de taipa com tectos rasos, apenas se distinguem dos montes de terra que os cercam; de redor nenhuma verdura apparece; tudo é terra e de uma côr uniforme; ainda mais penosa se torna a triste impressão que este aspecto causa observando-se a especie de troglodytas (1) que habitam aquellas tocas. — O Salado ainda se estende seis a sete leguas mais para diante, depois do que se entra n'um matto de arvores enfezadas que vai dar a S. João de Teotihuacan, povo grande a dez leguas da capital, celebre pelos *teocallis* que se acham nas suas visinhanças. Os taes *teocallis* foram construidos pelas tolteques no oitavo ou nono seculo da nossa era: o vulgo chama-lhes *cerritos*, pequênos cabeços; e com effeito, actualmente que o tempo gastou as arestas d'essas pyramides e as recamou de vegetação até o cimo, parecem-se com os montes volcanicos que se divisam nos logares transtornadas em remotos tempos por fogos subterraneos. Estes dois templos, exactamente orientados, eram consagrados um ao sol e outro á lua. Mr. de Humboldt, que os mediou, achou n'um 171 pés de altura, e 645 de comprimento na base; o segundo tem menos 30 pés de elevação. O interior é de argila misturada com pedras, e o revestimento com reboco de cal, como ainda n'algumas partes se conhece: as escadas que conduziam ao topo estão inteiramente destruidas, apenas se percebe o sitio e ha indicios de que foram de cantaria. Entre os dois *teocallis* ha grande numero de pyramides de 15 a 30 pés de elevação, consagrados aos astros secundarios, ou destinadas para sepulturas dos summos sacerdotes e dos cabeças das tribus. Estão collocadas por ordem, e no centro do grupo nota-se uma pedra muito volumosa, coberta de hieroglyphicos. Em todas, e no espaço circumdante vê-se grande copia de fragmentos de louça de barro, de figurinhas da mesma materia, e immensa quantidade de pedaços de obsidiana, tallado em bruto, mas pela maior parte da fórma de ferros de flechas. Estes monumentos são os mais antigos dos povos americanos, de que se conhecem as emigrações; mas são os menos interessantes em relação ás artes; não excitam admiração como os de Xochicalco, de Papantla e de Mitla.

De S. João a Tulancigo a jornada é longa e fadigosa; não ha cousa que distraia o viajante da moro-

(1) Dizia a antiguidade que havia povos chamados troglodytas, por morarem debaixo do chão.

tonia do caminho. O campo é triste e arido; só na proximidade de Tulancigo se divisam algumas bellas fazendas. Esta cidade pequena, a mais antiga do Mexico, foi edificada pelos tolteques no meiado do seculo VII: o clima não é agradável; as chuvas são muito aturadas e acompanhadas de ventos frios; porém todos os negociantes francezes que alli residem se precauccionaram contra o frio e a humidade, mandando fazer fogões, que são os primeiros que vi no Mexico, posto que na propria capital e nos sitios altos sente-se muitas vezes a necessidade do calor da lareira no mez frigido de janeiro. — Os meus compatriotas (*falla um francez*) quizeram dissuadir-me de caminhar para Regla, expondo-me que a jornada era attreita a salteadores e que, só com o meu criado, corria o risco de ser roubado e talvez maltractado. Com effeito, o tracto de terreno que eu tinha de atravessar achava-se infestado de uma cabilda de bandoleiros, que não só salteavam os viajantes, mas tambem haviam audazmente accommettido os combois de carros, que transportam as barras de prata a Vera-Cruz, chegando uma vez a gozar da conquista. A tenacidade d'estes ladrões fortalecia-se com a afouteza do seu capitão, o famoso Andrade, que os dominava com poder absoluto e os sujeitava no calor do combate, posto que o sangue dos companheiros avermelhasse o campo da peleja.

Todavia, passei sem risco: aquelle temeroso *cabeçilha* tinha sido aprisionado havia pouco tempo e mettido nas cadeias do Mexico, e o seu bando disperso.

A fazenda (*hacienda de Regla*) acha-se na mais picturesque situação que eu conheci no Mexico. Está situada n'um desfiladeiro apertado entre dois cerros a prumo, escorados por columnas basalticas de grande regularidade; o valle ou garganta vai-se estreitando até que as duas columnadas se ajuntem e formem uma semi-ellipse: então aos olhos admirados se apresenta novo espectáculo. Imagine-se uma serie de columnas prismaticas de 60 a 70 pés de altura, todas de grossura igual e perfeitamente ordenadas, formando um amphitheatro cortado no meio para dar passagem a um ribeiro que descêe em catadupa; as aguas por entre os toros meio despegados formam milheiros de repuxos em que se refrangem os raios do sol. — Este monumento de basalto é de certo um dos mais elevados no mundo acima do nivel do mar. Está na cadeia das Cordilheiras como documento vivo das revoluções do globo. Não sei por que se falla tão pouco d'este formoso producto geognostico: pôde, não obstante, competir com tudo o que ha de mais curioso n'este genero. — Se a *calçada dos gigantes* na Europa apresenta moles de basalto, e grupos de columnas mais magestosos, a cataracta de Regla é incontestavelmente de mais gracioso aspecto; semelha um monumento arabe da idade media, arruinado na verdade, porém ainda cheio de recordações e até de esplendor. — O valle se prolonga d'ahi a tres leguas até a *Barranca grande*, que dizem ser tambem adornada de grandes columnas de basalto. — Estas columnas são verdadeiramente cristalizações que offerecem fórmas de prismas, e que por impulso proprio refluem, mas perpendicularmente, sobre o seu eixo: o exterior é alvacento, e a superficie de cada secção de côr de ardesia com manchas amarelladas no centro. — Hacienda de la Regla pertence ao ex-conde do mesmo titulo, que a tem arrendado com as principaes minas de Real del Monte a uma companhia ingleza por 16:000 pezos por anno. Não é uma fazenda destinada á cultura; dão alli aquelle nome aos grandes estabelecimentos para onde se conduz o mineral precioso, sacado das minas, para extrahir-se a prata.

(Continúa.)